

Economistas discordam sobre metas de inflação

Em debate, como fazer o país crescer

Aguinaldo Novo

• SÃO PAULO. A proposta do presidente Lula de atrelar a meta de inflação aos índices de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) provocou polêmica entre economistas. Uma corrente propõe a elevação das metas fixadas pelo Banco Central, sob pena de o país entrar outra vez numa rota recessiva. Já os defensores do atual modelo temem que, para estimular a economia, o governo passe a aceitar taxas de inflação mais altas, ameaçando a estabilidade monetária. Argumentam que o crescimento depende menos da meta da inflação e mais de uma política que incentive investimentos produtivos.

— Crescimento depende de novos investimentos e para isso o governo tem de oferecer ambiente atraente e confiável ao investidor — diz o economista Eduardo Giannetti da Fonseca, do Ibmecc.

Giannetti: inflação pode trazer indexação

Para ele, metas de inflação mais altas teriam efeito curto sobre a atividade econômica: poderiam antecipar uma recuperação cíclica, mas não garantir crescimento sustentável. E poderiam trazer de volta a indexação na economia.

— O país não se livrou inteiramente do passado de alta inflação. É como alguém que tenta deixar a bebida, mas volta ao vício no primeiro gole.

O economista Júlio Callegari, da consultoria Tendências, vê risco na reação dos agentes econômicos.

— A percepção no mercado seria negativa. Ficaria a impressão de que o governo sempre estaria disposto a sacrificar o controle da inflação para ter um mínimo de crescimento. Não vejo

como conciliar duas metas tão diferentes — afirmou.

No ano passado, em meio às primeiras cobranças para a flexibilização da política monetária, o governo cogitou a possibilidade de adotar o chamado superávit anticíclico: a economia do governo seria menor em anos de baixo crescimento econômico e vice-versa. Callegari é contra, por achar que um superávit menor teria impacto negativo no montante da dívida pública.

— O problema do devedor é sempre o que o credor vai pensar. Nesse caso, o credor vai duvidar da possibilidade de o devedor pagar a dívida.

No campo oposto, o presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais (Sobepet), Antônio Corrêa de Lacerda, vê o país refém da política de metas de inflação. Ele cita como modelo ideal o do Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA), que reúne uma série de variáveis (nível de atividade econômica, variação de preços) para definir as taxas de juros.

— No Brasil criou-se o mito de que para crescer é preciso mais inflação. Não é verdade. O que impede o crescimento é o baixo volume de investimentos — diz.

Economista-chefe da área de administração de recursos do banco ABN-Amro, Hugo Penteado concorda em que a simples mudança das metas de inflação não é garantia de crescimento. Mas defende a elevação das metas. O sistema atual foi adotado em 1999 por Fernando Henrique Cardoso.

— Dada à atual pressão do dólar sobre os preços, o Banco Central terá de provocar uma tremenda recessão para atingir a meta de 2005 (de 4,5%).